

I SEMINÁRIO: FORMAÇÃO ANTIRRACISTA NO SERVIÇO SOCIAL

A DISPUTA DA CIDADE PELO BATUQUE DOS TAMBORES

Sessão temática 02 – A quilombagem, grupos específicos e diferenciados.

Álex Clotilde de Souza, Universidade Federal do Espírito Santo ¹

alexclotilde@gmail.com

Lucas Xavier ²

lucas.xaviersilva@gmail.com

Michelaine Isabel da Silva, Universidade Federal do Espírito Santo ³

michelaineisabel23@gmail.com

RESUMO: O presente trabalho tem como objetivo relatar a experiência de construção, movimentação e disputa da cidade, a partir da batucada dos tambores ancestrais que ecoam nos quatro cantos, dando voz na luta antirracista, carregando a beleza e o som do tambor para ocupação. O primeiro Bloco Afro de Vitória - ES, Afro Kizomba, é um Movimento Social, Político e Cultural que tem como direção aquilombar e organizar Pessoas Negras na luta contra o Racismo, o Machismo, Lgbtfobia, Transfobia e todas as formas de opressões contra a População Negra. A metodologia utilizada será a partir do aporte da escrevivência, criado pela autora Conceição Evaristo, escrever é registrar para perpetuar a história e a memória, não deixando morrer. Vindo de uma construção coletiva e múltipla, o Bloco Afro Kizomba tem entregue a 7 (sete) anos um Carnaval de Rua com alegria e significado para nosso povo. Uma história de crescimento notável à medida que seus temas se transformam e são acolhidos com identificação pelo público que celebra o carnaval de rua da cidade de Vitória.

PALAVRAS-CHAVE: Cultura Preta. Movimento Social. Quilombo. Escrevivência.

INTRODUÇÃO E METODOLOGIA.

Este presente trabalho tem como objetivo relatar a experiência de construção, movimentação e disputa da cidade, a partir da batucada dos tambores ancestrais que ecoam nos quatro cantos, dando voz na luta antirracista, carregando a beleza e o som do tambor para ocupação. O primeiro Bloco Afro de Vitória - ES, Afro Kizomba, é um Movimento Social, Político e Cultural que tem como direção aquilombar e organizar Pessoas Negras na luta contra o Racismo, o Machismo, Lgbtfobia, Transfobia e todas as formas de opressões contra a População Negra. Disputando a cidade e os espaços de poder, com o batuque dos tambores, das caixas e dos surdos.



I SEMINÁRIO: FORMAÇÃO ANTIRRACISTA NO SERVIÇO SOCIAL

“A ideia era colocar a luta do povo negro, através de expressões artísticas, no centro dos movimentos de reconfiguração dos carnavais de blocos de rua. Para o Bloco Afro Kizomba, carnaval é um instrumento de resistência. A música negra integra simultaneamente pontos de convergência de dores, lamentos, guerras, vitórias e muitas alegrias.” (ADUFES, LULA ROCHA, SALVE SALVE POLÍTICAS DE LUTA E AMIZADE PG 60).

O nascimento do Bloco tem sua égide fincada na Cultura Preta, usando a arte como método de atuação para a mudança e enfrentamento às Expressões da Questão Social na Sociedade brasileira (MARINA MACIEL ABREU, 2018), a qual tem a sua formação sócio-histórica formada nas bases Racismo que fundamenta a construção do Capitalismo, utilizando do epistemicídio memorial, cultural e político da População Negra, como forma de desenvolvimento de suas bases e forma de fazer políticas. Nessa direção, a cultura, a batida dos surdos, é propulsora para abrir caminhos e ajudar caminhar nas encruzilhadas das lutas postas nos standards de reivindicações, luta que reverencia a memória dos nossos ancestrais que manda seguir a tradição de punhos cerrados, mãos para o alto ocupando as ruas com toda beleza e capacidade de se reinventar para lutar e mudar a realidade concreta a partir da arte, como dizia o Lula Rocha (in memoriam).

“Deduz-se, portanto, sem muito esforço, que o racismo pode ser considerado – da forma como o entendemos atualmente – um dos galhos ideológicos do capitalismo. Não por acaso ele nasceu na Inglaterra e na França e depois desenvolveu-se tão dinamicamente na Alemanha. O racismo é atualmente uma ideologia de dominação do imperialismo em escala planetária e de dominação de classes em cada país particular.” (MOURA CLÓVIS. PG 3 - O RACISMO COMO ARMA IDEOLÓGICA DE DOMINAÇÃO. EDIÇÃO 34, AGO/SET/OUT, 1994, PÁGINAS 28-38).

Nas encruzilhadas, a dança do ijexá, a batida do tambor, comandado pelo ritmo e sabedoria do Mestre Tião e do grande Lulinha, está presente a força ancestral, a direção da movimentação nas defesas e concretização dos sonhos: ver o bloco passar nas ruas, becos e vielas da cidade, trazendo alegria, acolhimento, afeto para o povo preto gritando por liberdade e Direitos.

“Desse modo, o Bloco Afro Kizomba surgiu no carnaval de 2018 e tornou-se uma referência ao pautar a temática étnico-racial, abordando os 130 anos da falsa “abolição”. Valeu, Zumbi! Sob o comando de Mestre Tião, viga-mestre de bateria da Unidos da Piedade, escola de samba em que Lula Rocha integrava a bateria, nossos corpos negros ecoaram pelas ruas de Vitória, a favor da vida e da existência do povo negro.” (ADUFES, LULA ROCHA, SALVE SALVE POLÍTICAS DE LUTA E AMIZADE PG 61).



I SEMINÁRIO: FORMAÇÃO ANTIRRACISTA NO SERVIÇO SOCIAL



A metodologia utilizada será a partir do aporte da escrevivência, criado pela autora Conceição Evaristo, escrever é registrar para perpetuar a história e memória, não deixando morrer diante da incidência sistêmica de sucumbir a vida, ainda que tentam matar a População Negra desde a negação de acessos aos direitos, a organização do nosso povo reflete a sabedoria para não deixar morrer (EVARISTO, 2016). Destaca-se as vivências dos sujeitos históricos como forma de construção, luta e disputa de narrativas dos que constrói cotidianamente a sociedade. Nessa perspectiva, a oralidade e o registro como ferramenta de organização, a partir da noção do quilombo (ABDIAS DO NASCIMENTO et al., 2019), trazendo a memória, a história como ferramenta de desenvolvimento social, organização para avançar na defesa dos direitos e promoção de vida das pessoas negras. As ações de se ajuntar do Bloco Afro Kizomba, revela o quilombo vivo na cidade, tendo a oralidade como ferramenta central na construção endógena de passar os saberes ancestrais dos mais velhos para os mais novos, em direção comum de luta para transformação da realidade concreta dos integrantes do Povo Negro de Vitória - ES e do país inteiros.

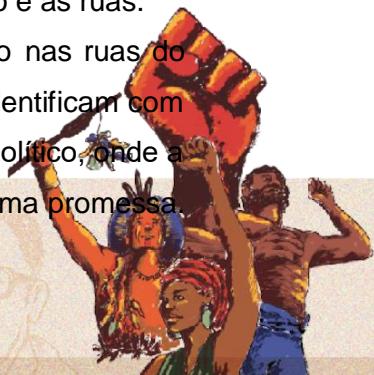
Oralidade e composição musical

O Bloco Afro Kizomba, desde seu segundo carnaval, trouxe para avenida composições originais, tratando de assuntos que eram concernentes ao tema de cada ano, e também aos outros temas que nos atravessavam. Desde “combinar de não morrer” (EVARISTO, 2016) a questionar autoridades sobre o extermínio da juventude negra em nossas comunidades, o Kizomba, ao cantar o que escreve, faz a voz da luta antirracista ecoar de forma estética e política.

Respeitando nosso jeito de ser e criar cuidado, o bloco não se restringiu apenas a fazer denúncias. Coube ao grupo de composição, criado no final de 2019, trazer perspectivas sobre o amor, sobre o cotidiano e principalmente sobre a memória e o legado de nossos ancestrais. A canção “Lula Rocha, Presente”, ao mesmo tempo que é um grito de saudade, reafirma nosso compromisso de não morrer. Afinal, só se morre quando se é esquecido, e com as músicas autorais, afirmamos uma memória que atravessará o tempo e as ruas.

Essas canções, mesmo que não estejam gravadas, permanecem ecoando nas ruas do Centro de Vitória em todo carnaval. A sensação de ouvir pessoas que se identificam com o nosso bloco gritando “eu nunca vou morrer” é um grande acontecimento político, onde a

música é o vetor para afirmação da nossa vida. Essa afirmação é quase uma promessa.



I SEMINÁRIO: FORMAÇÃO ANTIRRACISTA NO SERVIÇO SOCIAL



Não morrer não envolve apenas sobreviver, mas viver uma vida que não será esquecida.

Não esquecemos de Marielle Franco, Lula Rocha, Mestre Moa do Katendê, e não esqueceremos.

RESULTADOS

Vindo de uma construção coletiva e múltipla, o Bloco Afro Kizomba tem entregue a 7 (sete) anos um carnaval de rua com alegria e significado para nosso povo. Uma história de crescimento notável à medida que seus temas se transformam e são acolhidos com identificação pelo público que celebra o carnaval de rua da cidade de Vitória. Em seu ano de estreia em 2018 o bloco levou cerca de cinco mil foliões para a abertura do carnaval de rua da cidade. Já no último ano 2025, foram cerca de 60 mil foliões para a avenida, o que reforça um seu caminho e credibilidade construída ao longo dos anos. Para além do carnaval o Afro Kizomba trilha seu caminho com apresentações de cunho político e de extrema importância para nosso povo, se apresentando em atos políticos como a marcha contra o extermínio da Juventude Negra, promovido historicamente pelo Forum de Juventude Negra - FEJUNES, a parada LGBTQIAPN+ e outros espaços de protagonismo negro, sempre reafirmando o compromisso com o qual foi construído. No ano de 2024 o bloco também promoveu seu primeiro ciclo de formação com palestras, rodas de conversa protagonizadas pelos seus integrantes uma vez que o mesmo é composto por artistas independentes, girando assim o ciclo de fortalecimento dentro e fora do coletivo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Consolidando seu caminho ao longo dos anos, o bloco Afro Kizomba tornou-se um dos blocos mais aguardados do Carnaval de Rua do Centro de Vitória, suas canções autorais que ecoam ao longo dos anos, cantadas por pessoas de todas as idades, reforçando um sentimento coletivo de resistência.

Considera-se a partir de sua atuação e construções coletivas, a necessidade de perpetuar a atuação do Bloco Afro Kizomba, como Movimento Social, Cultural e Político, como forma da luta coletiva com arte e beleza. Evidenciando para além das opressões vivenciadas, coloca nas formações políticas, nas negociações da existência, a beleza, o axé e a sabedoria dos nossos ancestrais, dizendo que apenas a luta muda a vida. A partir da força coletivamente na dialética do quilombo que se conquista sonhos almejados para toda Povo Negro desse país, cantando na levada dos tambores o grito de liberdade.



I SEMINÁRIO: FORMAÇÃO
ANTIRRACISTA
NO SERVIÇO SOCIAL

Referências

ADUFES. Lula Rocha, salve, salve [recurso eletrônico] : políticas de luta e amizade / Adufes (org.). – Vitória, ES: Adufes, 2021.

MOURA, C. O Racismo como arma estrutural de dominação. Edição 34, AGO/SET/OUT, 1994.

EVARISTO, C. Olhos d'água. [s.l.] Pallas Editora, 2016.

MARINA MACIEL ABREU. Serviço social e a organização da cultura. [s.l.] Cortez Editora, 2018.

O quilombismo : documentos de uma militância pan-africanista. Rio De Janeiro, Brazil: Ipeafro ; São Paulo, Sp, Brasil, 2019.

